

CICLO DE OFICINAS RODA DE SABERES RELATÓRIO DE OFICINA

HÁ PALAVRAS QUE NÃO FALAM. GRITAM. REFLEXÕES SOBRE PALAVRAS, SABERES E METODOLOGIAS INSURGENTES



1.

FACILITADORA DA SESSÃO

Teresa Cunha - <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/pessoas/investigadoras-es/teresa-cunha>

INFORMAÇÕES GERAIS

Número total de participantes: 20

Data: 17/02/2020

Duração: 3h30

Hora início: 14:30

ENQUADRAMENTO DA SESSÃO: NOTAS, INTRODUÇÃO, TESTEMUNHOS DOS/AS FACILITADORES/AS

Notas da Coordenação do ciclo: Convidamos a Teresa para facilitar esta oficina com a certeza que nos provocaria e estimularia a reflexão. Aceitamos a sua proposta de apresentação (ou exercício?)

de uma metodologia em experimentação pois entendemos que a Roda deve ser também um lugar de ensaio do tipo de ousadia científica que nos leva a experimentar e esticar as nossas fronteiras (e de fronteiras falamos nesta oficina). Esperávamos que algo “gritasse” e que despertasse as nossas consciências metodológicas. No final estávamos de consciências abertas, a querer mais daquilo que ela nos trouxe de diferente...

Esta foi a proposta que a Teresa Cunha nos apresentou:

“Todxs nós que nos dedicamos às ciências sociais sentimos em muitos momentos da nossa investigação e da nossa escrita que há muitas palavras que não falam o que queremos dizer. Há outras que gritam mas temos que as dispensar porque não podem ser admitidas na quietude disciplinada da academia. Há ainda muitas palavras proibidas porque não se dedicam à insípida ideia da neutralidade. Enfim, o nosso trabalho como cientistas sociais, é sempre uma espécie de jogo, dança ou combate com as mais diversas palavras e as formas de serem, ou não, ditas e escritas.

Além disso, todxs nós sabemos que as palavras, ditas e escritas, são muitas vezes a mais imperfeita das linguagens humanas. São escassas nos sentidos que as habitam, estão cheias de impurezas e, muitas vezes, recusam-se a dizer as coisas, as emoções, os verbos, e os substantivos. Por maioria de razão, quando a nossa escrita usa os corpetes da academia, as nossas redondas carnes ficam impedidas de respirar; os suspiros têm que ser contidos assim como os nossos bocejos. E quando se trata de perguntar ou de tratar o espanto e o mistério então, nesses casos, sabemos que essas palavras conquistadas pela academia são a face mais empobrecida das nossas línguas e linguagens. E nos contristamos. Os caminhos para o mar rebelde das palavras que dizem são-nos fechados e precisamos de os abrir com a força e a energia que nenhuma disciplina tem: a sabedoria.

Nesta Roda de Saberes, quero propor-vos uma experiência de construção de conhecimentos a partir de contos pensados e escritos em co-autoria com muitas mulheres com quem tenho feito muitos caminhos enquanto cientista social. Percebemos muitas vezes que há coisas que não conseguem ser ditas de outra forma a não ser usando palavras que gritam. E criámos contos que são a ficção e a realidade tudo junto e sem separações nem divórcios. Através de alguns desses contos escolhidos sugiro fazermos o seguinte exercício:

- Pensarmos juntxs nas fronteiras que temos e que queremos romper na produção de conhecimentos na academia
- Abrir a biblioteca de contos e ler coletivamente alguns dos seus livros
- Identificar algumas das aprendizagens realizadas e para que nos podem servir
- Escrever os nossos próprios contos-livros”

DESCRIÇÃO GERAL DA SESSÃO

A oficina inicia-se com um convite para o grupo partilhar uma dança timorense ao som de tebe-tebe, dança timorense em círculo de mãos/braços dadas/os, batendo o ritmo com os pés no chão (porque o corpo importa na investigação).

A Teresa lança o convite para se pensarem alguns conceitos, nomeadamente o de “fronteira”, e propõe algumas ideias a ele associadas em torno dos seguintes pontos:

- *Fronteira entre nações, territórios, conjuntos de conhecimentos;*
- *Fronteira ajuda a pensar os limites e a delimitação;*
- *Se por um lado é um sítio onde esbarramos, é interessante pensar como se criam as fronteiras. Exemplo de visita da Teresa ao Sahara ocidental nos princípios dos anos 80: na fronteira do lado direito haveria 3000-4000 km de deserto, do esquerdo o mesmo, como à frente e atrás, e havia um montinho de areia e um cordelinho; quando alguém a queria passar o guarda puxava o cordel para a abrir e fechar; ou seja, a criação do sítio que delimita às vezes por meios que até parecem ridículos como um cordel no meio do deserto;*
- *Fronteira como algo que separa este lado e o que está do outro lado;*
- *Lugar de passagem, lugar por onde se passa e por onde se passam muitas coisas;*
- *Capacidade porosa da fronteira de se deixar trespassar para um lado e para o outro por ideias viajantes, por pessoas, por objetos, por culturas;*
- *Diferentes aceções do termo: ex. em inglês “frontier” e “border”, que designam algo ligeiramente diferente; em português não há tal distinção, pois borda é outra coisa;*
- *Papel da fronteira no trabalho científico e metodológico;*
- *O que distingue essa fronteira: muitas vezes ela é materializada em rituais como uma defesa de doutoramento – passar fronteira para pertencer à comunidade académica – fronteira dos revisores por pares, para passar a ser autor de grupo/comunidade.*

“Fronteira” foi apresentado como um conceito que evoca muitas ideias e reflexões. Com isso em mente, foi lançada uma proposta de exercício às/ao participante(s): escrever junto à palavra “fronteira” 5 palavras da família, que se associem ou que rimem com essa palavra.

Outra palavra evocada pela Teresa foi “interior”, relacionando-a com a palavra fronteira e o conceito de “fronteira interior”. A expressão remete, segundo Teresa, para um lugar íntimo, interno, de concentração, a intimidade subjetiva, como se fosse uma forma de dizer a nossa alma, o interior remete para o que está dentro e é definitório, relacionado com intimidade, consigo, com um sistema, com uma cultura.

Teresa explora o conceito de FRONTEIRA INTERIOR, proposto no séc. XX e trabalhado por Balibar e mais tarde por Ann Stoler. *Fala-se do duplo sentido da fronteira interior como algo que somos capazes de definir, que nos permite dizer eu e vocês, nós e os outros. Muito saliente nas sociedades racistas, construímos imagens, conceitos, ideias que nos separam dos outros, vamos criando provérbios, hinos, canções. Teresa refere o exemplo infeliz do jogo de futebol em Portugal na véspera e que vem de uma nação que se julga diferente e capaz de separar; uma fronteira que nos separa ontologicamente, que nos leva a pensar que de alguma maneira somos parte de uma humanidade diferente.*

Menciona Ann Stoler para referir o caso das mulheres que criaram uma outra fronteira interior, a que se mantém mesmo perante a mais contundente forma de opressão é a resistência que permanece e não pode ser negada. Explora as fronteiras interiores das mulheres nos sistemas coloniais em que a mulher é sempre a mais oprimida: pelo patrão, companheiro, pai. Diz a autora, ainda assim, mulheres nesta situação de grande degradação criaram as suas fronteiras

interiores que lhes permitiram por exemplo transmitir a sua própria língua aos seus filhos, que garantem a perpetuidade de “feixes culturais”, e que vão construindo o tipo de rebeldias que não se vergam apesar de toda a violência. Está “at the core”, no mais íntimo... Os poetas dizem melhor... Teresa recorda a letra de uma canção de Zeca Afonso, “não há machado que corte a raiz do pensamento”.

A fronteira interior apresentada como algo que se produz para discriminar ou agregar.

É proposto ao grupo um novo exercício de gerar palavras que sejam da família de/associadas a ou rimem com “interior”.

A terceira palavra proposta para a reflexão foi “Autoridade”.

Teresa afirma que, etimologicamente, significa lugar onde se acumula poder. A palavra tem vários sentidos, entre os quais reconhecimento do direito ou prestígio de alguém, o direito de se fazer obedecer, poder que gera hierarquia, desigualdade, discriminação. Autoridade é a formalização de uma fronteira. Relaciona com autoria, o exercício da autoridade de escrever e/ou de ser lida/o.

Quem tem autoridade na ciência é quem é primeiro autor. Muito complicado em certos casos falar em co-autoria ou autoria coletiva; resta sempre a dúvida acerca de qual é o autor que vem primeiro. Ex: “Et al.”, este mais ou outros. A autoria é um assunto sério quando tratamos de questões de ciência (e.g. Tão sério que temos comités de ética, etc.)

Teresa refere o exemplo de entrevista a Judith Butler, que fala de “não violência” sem nunca referir a genealogia dos conceitos e seus autores:

O que diz é conhecimento tácito para quem estuda estudos de paz ou não violência. Há dezenas de anos muitos dizem o que a autora diz e em momento nenhum menciona a linhagem dessas ideias, mas usa a autoridade que lhe é concedida pela sua capacidade de ser obedecida. Repete o que tantos já disseram, mas que não têm a mesma autoridade conferida.

Realiza-se um novo exercício de produzir 5 palavras da família de/associados com ou que rimem com “autoridade”.

O último conceito focado por Teresa é o de artesanaria, remetendo-o para o conceito de “*artesanaria das práticas*” de Boaventura Sousa Santos. *A artesã remete-nos para a realização de tarefas criativas e repetitivas. A repetição criativa está na base da oficina da artesã. Espaço técnico material e mental que não serve apenas para repetir o idêntico. A artesanaria é a repetição que implica criação, não há dois objetos exatamente iguais. Algo interfere sempre no processo de modo a criar tempo e espaço. A ideia de artesanaria como repetição criativa. Criar coisas que têm identidades comuns, mas com variações.*

A artesanaria das palavras é a capacidade de criar repetindo. A cada repetição há um elemento de criação. Quantas vezes um autor ou atriz repete o texto até chegar ao momento em que lhe parece que atingiu o nível de perfeição que procura? Uma dançarina, poeta, escritora, repete palavras.

Conceito de artesanaria é importante porque permite sair de uma lógica binária industrial para a lógica criativa que pode ser de 0 a 1000 com todas as nuances. O trabalho reprodutivo em

ciência é o trabalho de revisão da literatura, reproduzir o que se sabe. Quando passamos a teorizar é o trabalho criativo, a artesanaria em ciência.

Passamos do trabalho meramente reprodutivo para criativo. Uma participante contrapõe, dizendo que o trabalho de revisão da literatura ao comparar e selecionar trabalhos já implica alguma dimensão de re-criação. Teresa revê o que dissera à luz da contribuição, desafiando-se e a nós a identificarmos outros exemplos da “lógica reprodutiva” no fazer científico.

É proposto um novo exercício de 5 palavras da família de/associados com ou que rimem com “artesanaria”.

De seguida, a Teresa convida cada uma/um das/o participantes a construir um breve texto criativo usando (parte de) as 24 palavras geradas por meio de associação de ideias/sons.

Algumas/algum participantes partilharam os seus textos em voz alta.

Teresa continua a reflexão focando as dificuldades, constrangimentos e desafios da escrita académica: *dada a complexidade das realidades que estudamos, das metodologias que utilizamos, das práticas que desenvolvemos e a riqueza do trabalho de campo, acabamos por reduzi-los na forma escrita (por contraste com a polissemia oral) por sermos sujeitas a escrever artigos e capítulos científicos segundo regras que operam como fronteiras limitadoras*

Há muita reflexão sobre os limites da escrita nas ciências sociais: apresenta um artigo de Silvia Rivera Cusicanqui que reflete sobre isso e sobre a construção metodológica do conhecimento. *Cusicanqui é indígena da Bolívia, escreve na língua indígena, mas também em espanhol. É autora de Sociología de la imagen e da coleção de ensaios Violências (re)Encubiertas en Bolivia.*

Teresa partilha um ensaio seu, de onde lê ou pede para lerem excertos pré-sublinhados e comenta:

Grande parte do conhecimento é formulado não de forma escrita, mas de forma oral. Muitas vezes aquilo com que nos confrontamos é com a palavra dita e não a escrita. Quando falamos de metodologias insurgentes, a palavra dita é muito mais insurgente rebelde, difícil de aprisionar do que a escrita. A escrita pode ser criativa, mas o convite é para olharmos para as metodologias que usamos e como a palavra dita se transforma na palavra escrita secando, ficando sem alimento.

Leram-se extratos do texto partilhado que gera várias partilhas de posição e discussão:

Primeiro trecho:

“Un pasado remoto emerge vivo, imágenes atávicas salen a la superficie y actúan, la furia de los tiempos se desata. Este es el tipo de conocimiento, riesgoso y abismal, que me ha deparado la historia oral, y con ello he encontrado también, paradójicamente, los límites de la escritura.”

Uma participante nota grande semelhança na forma de expressão entre este passo do texto da socióloga e historiadora com a de certos contos literários de cariz filosófico da escritora brasileira

Clarice Lispector, coligidos na antologia “Onde Estivestes de Noite”, sugerindo afinidades entre ensaísmo criativo em ciências sociais e literatura.

Uma outra participante fala da sua experiência emocionalmente intensa de entrevistar mulheres migrantes e questiona-se sobre o que fazer com esse material além de escrever artigos para o currículo. Faz alusão à tertúlia anterior e à responsabilidade sobre o sofrimento alheio.

Teresa diz que quando se transcreve quase tudo fica de fora como o lugar, o cheiro, o contexto.

Outra participante intervém dizendo que muitas vezes podemos dar mais espaço a uma meta-reflexão quando as revistas permitem. Fala de uma defesa de tese em que a parte da discussão integrada dos resultados e conclusões era pobre face ao trabalho. Mas o trabalho deu origem a publicações com fator de impacto e até havia algum reconhecimento científico claro. Mas do ponto de vista de tese havia falta de dimensão de meta-reflexão.

Teresa Cunha afirma a auto-reflexividade como confronto com fronteira interior:

- *auto-reflexividade como resistência à autoridade disciplinar e à auto-censura;*
- *intersubjetividade e intercognitividade; escutar o apelo do outro;*
- *processo transformacional da investigação em ciências sociais e humanas;*

Foi lido e discutido um segundo trecho: ‘*Las percepciones de interrogadores e interrogados se transforman, em um processo largo donde acaba por surgir um “nosotros” cognoscente e intersubjetivo. Pero, qué papel juega en ello nuestra voz? Qué efectos provoca nuestra escucha? Cuánto puede alterar, desde su localización-distinta, a la voz que está escuchando? Y cuánto esse sujeto no invade a su vez a la persona que escucha?*’

Algumas participantes partilharam experiências de contacto com experiências de quem entrevistam e das suas opções de publicar/não publicar.

Lê-se terceiro excerto: ‘*A contrapelo de esta tendência, nuestro trabajo de historia oral há sido más humilde y ambicioso a la vez. Em um único libro, hemos plasmado com Zulema Lehm la experiencia de cinco años de escucha activa, densa y llena de meandros y altibajos – también de traumas y dolores revividos –, que nos fue enfrentando a la posibilidad de ser interpeladas, cuestionadas y transformadas, no sólo en nuestra comprensión teórica de las cosas, sino en el sentido vital de la experiencia intersubjetiva. Para ello, tuvimos que descubrir los puentes hacia un tiempo que nos es lo nuestro, pero también hacia experiencias de vida marcadas diversamente por su nexos con el trabajo manual. Esta “ética del trabajo” se fue internalizando en nuestra práctica a través de la artesanía del montaje...*’

Uma participante partilha reflexões falando da escrita científica como exercícios de tradução de linguagem, pelo que acha que é preciso compreender as dimensões de cada linguagem: *Podemos traducir una imagen para alguien que não vê, mas não é a mesma coisa: o mesmo entre linguagem oral e escrita e, mais ainda, a académica. Há limites. Há uma dimensão da oralidade que é própria da oralidade que a participante diz que não tem pretensão de traduzir em texto.*

Outra participante diz ter cuidado com linguagens: *diz poder traduzir, mas esse exercício de tradução é um exercício de tradução; e fala de ‘tensionar linguagens’.*

Uma participante refere que muitas vezes os autores não clarificam quais são as suas grelhas de leitura, não esclarecem o seu posicionamento e motivação, nas reflexões metodológicas; acrescenta o valor da inclusão interdisciplinar, colaborativa, que inclui todos os atores (não como ‘informantes’, mas como colaboradores).

A propósito, deste último ponto, Teresa cita Sandra Harding, que afirma que ‘quanto mais elementos de complexidade, mais completa a abordagem a uma questão’

Cita o ‘sentir-pensar’ proposto por Boaventura Sousa Santos, que bebe do conceito de ‘corazonar’ de Patrício Arias, juntando dicotomias ao referir a necessidade de atenuar fronteiras entre ciências sociais e literatura; fala da ‘escuta dialogada’ e de ‘narrativas de afetação’

Refere o ‘lugar de fala’ e geografias do conhecimento: o conhecimento produzido numa posição encarnada (com e na carne); ‘além do óbvio e do livresco, insurgente’

Posições feministas: Tudo o que é pessoal é político

Teresa partilha experiências pessoais de um percurso feminista e nas lutas de libertação nacional; chegou à academia aos 50; academia surgiu da necessidade de parar e pensar

Partilha acerca das suas opções metodológicas para lidar com a intensidade dos relatos que recolhia: transcrições acompanhadas ao lado de reflexões da investigadora. Partilha de relatos pessoais no percurso como investigadora e estratégias para lidar com e se posicionar perante as histórias ouvidas. Ouvia e, chegando a casa, escrevia livremente o que tinha ouvido. Essa história era depois reconstruída com os sujeitos que narraram os testemunhos autobiográficos.

Propõe ao grupo exercício de ler textos co-construídos com participantes nas suas investigações e de os refazer e comentar.

Realizou-se um intervalo após o que se discutiu durante alguns minutos (às 17:20-25) como continuar a última parte da oficina, dado que esta mostrava estender-se além do tempo previsto.

Foi levantada a proposta de se discutir a diferença introduzida pelo método relativamente a outras abordagens, nomeadamente: a investigação intersubjetiva e qualitativa vs. método científico replicativo; em termos de qualidade da informação, objetivo e diferencial, etc.

Teresa afirma que qualquer texto é uma construção, referindo o exercício de artesanaria da palavra na construção dos textos; contextualiza as narrativas co-criadas com sujeitos que narraram testemunhos autobiográficos:

- *narrativas estruturantes: família, comunidade, grupo, género*
- *podem essas ‘fabulações’ ser a análise, o texto científico, pergunta?*
- *em que medida esse conhecimento chega como texto científico?*

Uma participante pontua situar os trabalhos na tradição da história oral.

Surge a proposta da parte de duas participantes de refazer um texto da seguinte forma: *encarnar as personagens e recontar a história dessa forma, sublinhando a potência do discurso como mais uma leitura na convergência de leituras. Pode ser conhecimento científico ‘encorporizado’ (o participante recria). Identificam-se limitações: ainda extractivista; a questão epistemológica.*

Levantam-se questões sobre os espaços para este tipo de metodologia. Como criar espaço para uma ciência diferente?

Num momento final, o debate centrou-se na discussão entre o que é ciência e o que é arte: *arte não é ciência e ciência não é arte mas há mestrados e doutoramentos (i.e., trabalho científico) em artes. Os textos, por exemplo, têm muito potencial, falando a partir das áreas das artes, literatura, poesia. Porque há muito conhecimento neles. Considerou-se o conceito de “After Methods”: as novas metodologias, como estes textos, são uma necessidade da academia mas precisam “saltar muros”. Talvez numa primeira fase, precise de uma introdução/prefácio, uma validação científica, mas que não seja demasiado explicada.*

REFLEXÕES E QUESTÕES EMERGENTES DA FACILITADORA

Ao reler o fantástico resumo da sessão a primeira coisa que me surge no espírito é que está quase tudo por fazer a respeito das palavras que gritam e das que não falam em ciência. Tateamos, por assim dizer, esta questão; temos a sensação de que algo está errado com as fronteiras; reconhecemos a transgressão de algumas delas; sabemos que as podemos usar para não ceder ao desaparecimento. Contudo, pouco sabemos como fazer para reinventar uma escrita em ciência que não seja um permanente exercício de conter a vida na forma que as palavras nos dão. Talvez seja até impossível mas a literatura diz-nos que não; e a poesia abre caminhos quase infinitos para fazer das palavras astúcias de dizer muito mais do que cada signo se permite pensar. Será que o caminho poderá ser deixar-se recriar pela liberdade e a novidade que a literatura nos oferece, na sua intensa capacidade de criar? Talvez sim seja esse, um caminho. A segunda reflexão a partilhar convosco é a de que se agora eu fizesse de novo esta oficina deixaria para trás as várias considerações teóricas e etimológicas para nos arriscarmos mais com mais palavras e mais significados que todas elas nos podem trazer. Sei lá, penso que é preciso ensaiar, exercitar, brincar, jogar, tentar, e a cada passo obter mais profundidade na reflexão e na escrita. Artesania das palavras que gritam e das que nada nos dizem seria talvez a minha maneira de recomeçar tudo outra vez. Mas o problema mantém-se e eu quero continuar a viver com o desconforto que ele me traz para não adormecer no leito das regras de um qualquer capítulo (da vida e da escrita) apenas tecnicamente irrepreensível. Quero

todas as reprimendas do mundo que como uma comichão não me autorizam o descanso inerte de um sono feliz em cima de mais um formulário perfeitamente preenchido.

REFLEXÕES DA COORDENAÇÃO DO CICLO: DESAFIOS E PROPOSTAS EMERGENTES

Surge desta oficina o desafio de continuar a pensar-se os limites e potencialidades da (reinvenção da) ciência, e das ciências sociais e humanas em particular, no cruzamento com outras formas de pensamento e de construção da realidade, bem como a necessidade de se pensarem os métodos e o que se quer capturar/retratar/construir/transmitir. Falando-se, no início da oficina, em limites e fronteiras e o seu papel na construção de conhecimento, bem como da definição dos contornos das realidades em que nos movimentamos, sente-se, no final da oficina a necessidade de explorar diferentes pontuações e demarcações destes limites na própria definição da ciência e do método científico. A oficina abre caminho para novos debates e explorações metodológicas. Esta oficina cruza-se com a tertúlia anterior na interrogação: Como fazer uma ciência diferente? Como mudar práticas. E pode perguntar-se, com que efeitos? Como podem os nossos métodos, recriando a realidade, propor realidades diferentes ou contribuir para a sua articulação cognitiva-discursiva?

AVALIAÇÃO, COMENTÁRIOS FINAIS E SUGESTÕES DE MELHORAMENTO

Um breve questionário online foi enviado as/os participantes cerca de 1 semana após a oficina. Apenas 4 respostas foram recolhidas. Destas, 50% dos/as participantes declaram-se completamente satisfeitas/os e 50% satisfeitas/os com a estrutura e dinâmica geral da oficina. Quanto à relevância/pertinência dos conteúdos para a sua prática profissional/investigação, ao equilíbrio entre as componentes teórica e prática da sessão e à adequação da componente teórica, 75% das respostas indicam completa satisfação, enquanto 25% se posicionam no ponto neutro, nem satisfeitos/as nem insatisfeitos/as. Sobre a adequação e natureza dos exercícios práticos, 75% das respostas indicam satisfação e 25% muita satisfação. O desempenho da dinamizadora foi avaliado positivamente (75% muito satisfeito, 25% satisfeito), assim como a percepção da satisfação geral com os contributos do grupo e com os diálogos e reflexões gerados na sessão (50% muito satisfeito, 50% satisfeito). As/os participantes declararam ter interesse (50%) ou muito interesse (50%) em participar noutras oficinas do Ciclo, e todos/as estão disponíveis ou interessadas/os em envolver-se em novas colaborações ou projetos com a metodologia apresentada (75% muito disponível, 25% disponível) e em recomendar a sessão a outras pessoas (75% recomendaria fortemente, 25% recomendaria).

Do ponto de vista da avaliação qualitativa, a avaliação global é positiva, com referência às muitas contribuições da oficina e do seu interesse. A nota negativa deveu-se essencialmente ao tempo,

considerado curto para o debate e para a articulação entre teoria e prática, e ao equilíbrio entre as dimensões teóricas e práticas.

BIBLIOGRAFIA REFERIDA

Balibar, Étienne, “Fichte et la frontière intérieure: A propos des *Discours à la nation allemande*,” *La crainte des masses: Politique et philosophie avant et après Marx* (Paris: Galilée, 1997), pp. 131–156. In English, “Fichte and the Internal Border: On *Addresses to the German Nation*,” in *Masses, Classes, Ideas: Studies on Politics and Philosophy before and after Marx*, trans. James Swenson (New York: Routledge, 1994), pp. 61–84.

Frank, Arthur W, “After Methods, the Story: From Incongruity to Truth in Qualitative Research”, *Qualitative Health Research* (April 2004), 14(3), 430-40.

Harding, Sandra. “Culture as an Object of Knowledge”. In Nikki R. Keddie (ed.). *Debating Gender, Debating Sexuality*. N.Y. & London: New York UP. 1996. 114-119.

-----, “Introduction: Is There a Feminist Theory?”. In S. Harding (ed.), *Feminism and Methodology: Social Science Issues*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1987, 1-14: <http://rzukausk.home.mruni.eu/wp-content/uploads/harding.pdf> .

Rivera Cusicanqui, Silvia, *Violências (re)Encubiertas en Bolivia*. La Paz, Bolivia: Mirada Salvaje, 2010.

-----, *Sociología de la imagen: ensayos*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

-----, <http://untref.edu.ar/sitios/pensarenmovimiento/capitulo3.html>

Santos, Boaventura de Sousa, *O Fim do Império Cognitivo: A afirmação das epistemologias do sul*, Coimbra: Almedina, 2018.

Stoler, Ann Laura, “Sexual Affronts and Racial Frontiers,” *Comparative Studies in Society and History* (1992), rev. and pub. in *Carnal Knowledge and Imperial Power* (Berkeley: University of California Press, 2002).

Stoler, Ann Laura, <<https://www.politicalconcepts.org/interior-frontiers-ann-laura-stoler/>>.

PRODUÇÃO E VALIDAÇÃO DO RELATÓRIO

Data de elaboração do relatório: 28/02/2020

Relatório produzido por: Rita Campos, Ana Teixeira de Melo, Patrícia Silva e Teresa Cunha

Relatório validado pelos facilitadores: Sim Não



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra